

Água, o desafio do DF

JORNAL DE BRASÍLIA

Ulisses Assad

O Distrito Federal está preparado para enfrentar, num futuro próximo, a questão do abastecimento de água? Este é um desafio colocado não só para os governantes ou mesmo aos responsáveis pela Companhia de Água e Esgotos de Brasília, a Caesb. Esta é uma questão que deve envolver diretamente a comunidade que, afinal de contas, será atingida. Muito se tem discutido nos últimos anos a problemática do abastecimento de água. Mas, sem dúvida alguma, muito tempo já se perdeu com debates pouco técnicos e muito políticos, quase sempre com envolvimento emocional na questão.

O fato é que, antes de se entrar na discussão a respeito de onde e quando se vai buscar a futura fonte de abastecimento de água precisamos colocar para a comunidade os problemas de hoje. E eles são muitos, decorrência de diversas questões. Em primeiro lugar devemos insistir naquilo que muitos já disseram e que é, na realidade, uma questão crucial para qualquer projeto, plano ou mesmo execução de uma obra na área de saneamento básico: a superpopulação.

Os criadores de Brasília imaginaram nas pranchetas, na década de 50, que Brasília, ao completar 50 anos de vida, no ano 2.010, chegaria aos 500 mil habitantes como uma cidade exemplo de organização, planejamento urbano e de completo assentamento populacional. Brasília ao completar 29 anos de idade já tem uma população estimada em um milhão e 800 mil pessoas, contando, naturalmente, com as cidades-satélites, que na prática formam o mesmo conjunto, pois dependem das mesmas fontes de abastecimento. Falta de planejamento? Não. Simplesmente Brasília é o espelho fiel do Brasil, um País onde a migração é uma constante, na procura pela melhoria da qualidade de vida. E, dentro dessa ótica, fica cada vez mais claro que o brasileiro do interior busca a cidade grande para conseguir a tão almejada casa própria. Na década de 60 a população urbana era de 40% e atingimos, na década de 80, 72% da população nas cidades.

O Distrito Federal, pólo de

migração do Nordeste para o Centro-Sul e, inclusive, do sul para o Centro-Oeste, inchou acima de qualquer previsões. Como transformar as reservas de água calculadas para uma população de 500 mil para atender cerca de dois milhões e, segundo estimativas da ONU, a quatro milhões em breve, sem o poder da multiplicação? Este é um desafio de todos nós. Atualmente o DF é abastecido quase que totalmente pelos sistemas do Rio Descoberto (47%), Santa Maria (36%) e outros pequenos mananciais que respondem pelos 17% restantes. No ano passado, a produção de água levada às residências atingiu a 158 bilhões de litros e o consumo medido foi de 11% maior que o registrado em 87. O Distrito Federal é atendido em 99% pelo abastecimento de água, um dos maiores índices do País.

Mas para que esta meta seja mantida, é preciso buscar com urgência novas fontes, até mesmo porque a cidade sofre as consequências de um longo período de estiagem, fato que origina um enorme déficit no abastecimento, chegando a proporcionar cortes em determinadas regiões, épocas e horários. A partir de dados concretos, a Caesb passou a estudar a possibilidade de buscar uma nova fonte de abastecimento de água. E, é preciso repetir, já nos tempos de construção de Brasília havia um estudo para esta possibilidade. Naquela época, como demonstram os documentos, todas as indicações davam conta de que o ideal seria o aproveitamento do São Bartolomeu.

Com o passar do tempo, as necessidades aumentando, a crise da falta de água e aumento da população e de suas exigências obrigando a uma resposta mais imediata, novas sugestões apareceram, como os rios Areias, Corumbá, Preto e até o Maranhão. Primeiramente a discussão do aproveitamento do São Bartolomeu foi levada para o campo emocional, chegando-se ao ponto de colocar como questão fundamental a permanência da área onde se localiza o Vale do Amanhecer. Naturalmente que, em razão disso, o São Bartolomeu foi questionado do ponto de vista

emocional, comercial religioso.

Com estudos mais recentes e a caracterização de um novo local para a barragem, não mais se atingirá aquela localidade religiosa, mas, ao mesmo tempo, o projeto abrange uma região que se já era considerada como de preservação ecológica, fere interesses particulares de chácaras ali indevidamente exploradas. O outro argumento utilizado contra o São Bartolomeu é que este tem como afluente o Paranoá, e que por isso suas águas estariam comprometidas por afluentes poluidores de esgoto.

Mas a Caesb está construindo duas estações de tratamento de esgotos que irão resolver este problema do Paranoá, e além disso a distância da captação da água do São Bartolomeu em relação à contribuição do Paranoá já seria suficiente para eliminar tal problema. Devemos discutir todas as propostas abertamente e sem preconceitos. Mas com urgência e com dados efetivos e imbatíveis. A Caesb já tem estudos, e há muitos anos, sobre o aproveitamento do São Bartolomeu. Sem querer entrar no mérito das outras propostas, o São Bartolomeu apresenta argumentos fortes como: proximidade, menor custo e, em especial, o de estar em território do Distrito Federal.

De qualquer maneira a Caesb está aberta ao debate. Mas, levando em consideração as necessidades urgentes de uma cidade que já está em fase crítica, com a migração crescendo, a população aumentando e as exigências cada vez maiores, não podemos perder tempo. O futuro já chegou e está sendo ultrapassado pelos acontecimentos. Não há mais tempo. O DF vive um momento difícil no seu abastecimento de água.

Sem uma nova fonte de abastecimento Brasília poderá se tornar uma cidade inviável como moradia e centro das decisões do País. Basta comparar o crescimento da população e verificar-se que os mananciais são os mesmos de uma década atrás.

□ Ulisses Assad é presidente da Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caseb)